

Isabelle Cerqueira Sousa  
(Organizadora)



# SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

  
Atena  
Editora  
Ano 2021

Isabelle Cerqueira Sousa  
(Organizadora)



# SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

### **Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes editoriais**

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da capa**

iStock

### **Edição de arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federac do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Saúde coletiva: face a face com a interdisciplinaridade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Isabelle Cerqueira Sousa

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S255 Saúde coletiva: face a face com a interdisciplinaridade / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-426-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.266212508>

1. Saúde pública. 2. Ciências da saúde. 3. Interdisciplinaridade. I. Sousa, Isabelle Cerqueira (Organizadora). II. Título.

CDD 362.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

A coletânea: **Saúde coletiva: face a face com a interdisciplinaridade** é composta por dois volumes, no qual o volume 1 apresenta aos leitores estudos numa abordagem interdisciplinar nas áreas da educação e promoção em saúde, tratamentos e análises sobre violências: obstétricas, físicas, sexuais e psicológicas.

O termo Saúde Coletiva é constituído por uma variedade de conhecimento multidisciplinar, advindo das ciências biomédicas e das ciências sociais, portanto é importante reforçar a importância da educação na saúde, lembrando que o Ministério da Saúde define Educação em Saúde como: “Processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população [...]. Conjunto de práticas que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção de saúde de acordo com suas necessidades” (BRASIL,2009)<sup>1</sup>.

No enfoque da Educação, serão apresentados trabalhos inovadores como: análise dos impactos psicológicos nos estudantes em função da atual realidade pandêmica, a utilização das histórias em quadrinhos nos tempos de pandemia, a importância da educação em saúde na escola para a prevenção de doenças parasitárias intestinais, como também a promoção de práticas alimentares saudáveis entre estudantes do ensino médio numa região do Rio Grande do Sul (Brasil), incluindo também estudo sobre a integração ensino-serviço, as experiências em estágios curriculares, além de focar de forma valiosa a residência multiprofissional, seus desafios e potencialidades.

Nesse volume, além do enfoque educacional da saúde, a interdisciplinaridade está face a face descrita também nos diversos estudos, como por exemplo: “Tratamento, controle e prevenção de helmintíases na escola com o apoio da atenção primária: educação em saúde para todo”; Ação: “Plástico reciclado: pão garantido”, no combate ao mosquito transmissor da Dengue, Zika vírus e Chikungunya, além do que essa obra possibilita também refletir sobre a Violência em diversos enfoques, refletindo sobre: - “Violência obstétrica como um emergente problema de Saúde Pública”, - “As características das violências físicas, sexuais e psicológicas contra crianças e adolescentes no contexto brasileiro”, e finalizando esse primeiro volume teremos uma análise da “distribuição dos óbitos por suicídio no Brasil”, no período de 2010 a 2019, um valioso estudo que pode facilitar a identificação dos grupos sociais mais vulneráveis, colaborando para o direcionamento de ações e serviços educacionais e de saúde.

Diante da importância dos temas citados, a Atena Editora proporciona através desse volume a oportunidade de uma leitura rica de conhecimentos resultantes de estudos inéditos e atualizados.

Desejamos uma excelente leitura!

Isabelle Cerqueira Sousa

---

<sup>1</sup> Brasil. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde. Brasília: MS; 2009.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **SAÚDE ÚNICA: UM CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**

Vitor Hugo Ramos Alves  
Nara Moraes Guimarães  
Letícia Martins Bertati  
Milena Ferreira Bessa  
Grazielli Rocha Rezende Romera  
Rafael Ovídio de Oliveira  
Karine Ferreira Barbosa  
Danila Fernanda Rodrigues Frias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125081>

### **CAPÍTULO 2..... 10**

#### **EDUCAÇÃO E SAÚDE: UMA PARCERIA DE SUCESSO**

João Ermenson Gomes Filho  
Cláudia Maria da Silva  
Deusa Fátima de Oliveira  
Gildete Pereira da Silva  
Juliana dos Santos Ferreira  
Soraia Santos Moraes  
Silvana Pereira Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125082>

### **CAPÍTULO 3..... 13**

#### **IMPACTOS PSICOLÓGICOS NOS ESTUDANTES EM FUNÇÃO DA ATUAL REALIDADE PANDÊMICA**

Alexia Emilly Dantas Almeida  
Everton Matheus de Limas Arruda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125083>

### **CAPÍTULO 4..... 19**

#### **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA PARA A PREVENÇÃO DE DOENÇAS PARASITÁRIAS INTESTINAIS**

Amanda de Oliveira Sousa Cardoso  
Letícia Batista dos Santos  
Antonio Rosa de Sousa Neto  
Mayara Macêdo Melo  
Daniela Reis Joaquim de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125084>

### **CAPÍTULO 5..... 27**

#### **PROMOÇÃO DE PRÁTICAS ALIMENTARES SAUDÁVEIS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA REGIÃO DA QUARTA COLÔNIA DO RS - BRASIL**

Márcia Liliâne Rippel Silveira  
Anne Y Castro Marques

José Domingos Jacques Leão

Andréia Cirolini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125085>

**CAPÍTULO 6..... 37**

**NOVA VISÃO DA INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO PARA MELHORIA DO CUIDADO À SAÚDE**

Micaela Vieira Hadida

Celso Akio Maruta

Carmen Picoli Torres

Denise Marini

Kelly Janaina Munhoz

Maria Amélia Sakamiti Roda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125086>

**CAPÍTULO 7..... 42**

**VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ATENÇÃO BÁSICA NO INTERIOR DO NORDESTE**

Isabelle Dantas Medeiros

Andressa Érica da Silva Ramos

Joice Estevam da Silva

Daiane Jerônimo de Medeiros

Maria Eduarda Soares Jordão

Marília Medeiros de Souza

Naiara Oliveira de Medeiros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125087>

**CAPÍTULO 8..... 51**

**TRATAMENTO, CONTROLE E PREVENÇÃO DE HELMINTÍASES NA ESCOLA COM O APOIO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA TODOS**

Samyly Emanuely Lourenco de Sousa

Antonio Rosa de Sousa Neto

Daniela Reis Joaquim de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125088>

**CAPÍTULO 9..... 60**

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NOS TEMPOS DE PANDEMIA**

Caio Peters Vidal

Ana Clara Cardoso Barbosa

Clara Oliveira Riguetti

Kórian Leite Carvalho

Sofia Rezende Paes

Maiara de Fátima Souza Maia

Gleudson Jordan dos Santos

Rubio Hibertton de Lima Pimenta

Aline Bárbara Giarola Silveira

Mara Márcia Assis  
Miriam Ramos de Gouvêa Lopes  
Patrícia Alves Torga  
Priscila Emanuele Peixoto  
Luiz Gonzaga Chiavegato Filho  
Laila Cristina Moreira Damázio  
Marcelo Siqueria Valle  
Flávia Carmo Horta Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2662125089>

**CAPÍTULO 10..... 79**

**A IMPLANTAÇÃO DE UMA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL AUTOGERIDA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES NA PERSPECTIVA DOS TUTORES**

Jackeline Lourenço Aristides  
Dayene Patrícia Gatto Altoé  
Natalhia Catossi Rosa  
Ohana Panatto Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.26621250810>

**CAPÍTULO 11 ..... 89**

**ESTADO DA ARTE DA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE NO BRASIL**

Lais Santos Silva  
Sônia Natal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.26621250811>

**CAPÍTULO 12..... 102**

**PROJETO PLÁSTICO RECICLADO = PÃO GARANTIDO**

Nelma Margareth Rabello Santana  
João Érmenson Gomes Filho  
Viviane Gonçalves Carneiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.26621250812>

**CAPÍTULO 13..... 105**

**VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UM EMERGENTE PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA**

Clara Frões de Oliveira Sanfelice  
Renata Fernandes do Nascimento  
Débora de Souza Santos  
Maíra Libertad Soligo Takemoto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.26621250813>

**CAPÍTULO 14..... 115**

**CARACTERÍSTICAS DAS VIOLÊNCIAS FÍSICAS, SEXUAIS E PSICOLÓGICAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Lairany Monteiro dos Santos  
Juliana Fernanda Mallmann  
Heloísa de Souza

Andressa da Silveira

Sabrina Zancan

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.26621250814>

**CAPÍTULO 15..... 130**

**ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DOS ÓBITOS POR SUICÍDIO NO BRASIL**

Maria Tatiane Alves da Silva

Marcos Henrique Oliveira Sousa

Ewerton Thiago Pereira de Lima

Mirelle Jeniffer Ferreira de Lima

Nathalia Cristina Alvares Raimundo

Shirley Emanuely Pontes de Souza

Thomaz Alexandre França Silva

Emanuela de Oliveira Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.26621250815>

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 141**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 142**

## CARACTERÍSTICAS DAS VIOLÊNCIAS FÍSICAS, SEXUAIS E PSICOLÓGICAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CONTEXTO BRASILEIRO

*Data de aceite:* 23/08/2021

*Data de submissão:* 04/06/2021

### **Lairany Monteiro dos Santos**

Universidade Federal de Santa Maria  
Palmeira das Missões, RS  
<https://orcid.org/0000-0001-8099-8381>

### **Juliana Fernanda Mallmann**

Universidade Federal de Santa Maria  
Palmeira das Missões, RS  
<https://orcid.org/0000-0001-5141-3698>

### **Heloísa de Souza**

Universidade Federal de Santa Maria  
Palmeira das Missões, RS  
<https://orcid.org/0000-0002-7413-1711>

### **Andressa da Silveira**

Universidade Federal de Santa Maria  
Palmeira das Missões, RS  
<https://orcid.org/0000-0002-4182-4714>

### **Sabrina Zancan**

Universidade Federal de Santa Maria  
Palmeira das Missões, RS  
<https://orcid.org/0000-0001-9219-1286>

**RESUMO:** A infância e a adolescência são fases de um complexo desenvolvimento e, apesar de terem seus direitos protegidos por legislações públicas, ainda são grupos suscetíveis à exposição a violências. Este estudo tem como objetivo descrever algumas das principais características das violências: sexual, psicológica e física contra crianças e adolescentes,

notificadas no Brasil entre os anos de 2009 a 2019, e nesse viés contribuir para o diagnóstico e intervenção dessas violências. Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo, descritivo, mediada por banco de dados de domínio público. Foram coletados dados sobre as violências físicas, sexuais e psicológicas notificadas no Brasil, contra crianças e adolescentes de 0 a 19 anos. Nas três violências abordadas, as de natureza física (385.663), sexual (199.603) e psicológica (156.330), o principal grupo vitimado foi aqueles do sexo feminino, cor branca e parda. Quanto maior a idade, maior foi o número de notificações. A residência foi o principal local de ocorrência. Entre os menores de um ano até nove anos, houve um predomínio de pais como agressores, nas violências físicas e psicológicas e na violência sexual, a figura paterna, pessoas com outros vínculos, amigos e padrastos. Na faixa etária de 10 a 19 anos, há maior prevalência das figuras sem laços sanguíneos com as vítimas e autoprovocadas/própria pessoa, com maior ênfase no local de via pública. A principal forma de violência sexual, é caracterizada como estupro e assédio sexual. Os dados deste estudo ressaltam que, apesar da existência das políticas públicas, há um aumento de notificações de violência contra crianças e adolescentes que acontecem, principalmente, nas suas residências e é provocada por pessoas próximas. Acredita-se que os números reais são maiores que os encontrados neste estudo, pois as vítimas são intimidadas e impossibilitadas de denunciar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança. Adolescente. Violências.

**ABSTRACT:** Childhood and adolescence are stages of a complex development and, despite having their rights protected by public legislation, they are still groups susceptible to exposure to violence. This study aims to describe some of the main characteristics of violence: sexual, psychological and physical against children and adolescents, reported in Brazil, from 2009 to 2019, and in this way contribute to the diagnosis and intervention of violence. This is a quantitative, descriptive research, mediated by a public domain database. Data on physical, sexual and psychological violence reported in Brazil against children and adolescents aged 0-19 years were collected. In the three types of violence addressed, those of a physical (385,663), sexual (199,603) and psychological (156,330) nature, the main victim group was female, white and brown. The older the age, the greater the number of notifications. The residence was the main place of occurrence. Among children aged between one and nine years, there was a predominance of parents as aggressors, in physical and psychological violence and in sexual violence, the father figure, people with other ties, friends and stepfathers. In the age group from 10 to 19 years old, there is a higher prevalence of figures without blood ties to the victims and self-harm/self-inflicted, with greater emphasis on the street. The main form of sexual violence is characterized as rape and sexual harassment. The data from this study highlight that, despite the existence of public policies, there is an increase in notifications of violence against children and adolescents that happen mainly in their homes and are provoked by people close to them. It is believed that the actual numbers are higher than those found in this study, as victims are intimidated and unable to report.

**KEYWORDS:** Children. Adolescent. Violence.

## 1 | INTRODUÇÃO

De acordo com a legislação brasileira, a Constituição da República Federativa do Brasil e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e o adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade incompletos (BRASIL, 1990; 1988). Já para a Organização Mundial da Saúde (OMS) são adolescentes aqueles entre 10 a 19 anos de idade (WHO, 1986).

Ressalta-se que a infância e adolescência são fases de crescimento e desenvolvimento físico, comportamental, emocional, social e sexual. Todavia, embora as crianças e adolescentes estejam em etapas fundamentais para a constituição do desenvolvimento biopsicossocial, seus direitos foram amparados a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 (BRASIL, 1990).

Apartir da década de 90, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a criança e ao adolescente têm seus direitos fundamentais assegurados e atribuídos como dever da família, da sociedade e do Estado a proteção contra negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade, opressão e todos os atentados, por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais, tornando a notificação de suspeita ou confirmação de violência contra esse público obrigatória (BRASIL, 1990).

Apesar das amplas medidas protetivas em vigor, num cenário global, essas faixas etárias ainda são umas das principais vítimas de violência. Em uma análise mundial de

violências, destaca-se que cerca de um bilhão de crianças sofre algum tipo de violência a cada ano, pelo menos 40.150 indivíduos da faixa etária de 0-17 anos vão ao óbito por ano, 120 milhões de meninas menores de 20 anos sofrem algum contato sexual forçado e uma a cada três crianças menores de 18 anos sofrem alguma violência psicológica. (WHO, 2020)

Nesse sentido, para além dos expressivos resultados de violência registrados, é válido considerar que as crianças e adolescentes vítimas de algum tipo de violência, muitas vezes estão expostas ao cenário de convivência dos agressores. Com isso, torna-se de suma importância que os profissionais saibam reconhecer e identificar casos de violência, a partir das sequelas evidentes ou não e da veracidade dos relatos das vítimas ou responsáveis no momento da consulta, para que dessa forma o mesmo possa intervir de maneira adequada e ética, evitando a negligência e reincidência dessas violências. (SARAIVA *et al.*, 2012).

Quanto a tipologia das violências que acometem crianças e adolescentes, destaca-se a de caráter intrafamiliar e extrafamiliar. A violência intrafamiliar, é definida como aquela que tem como agressor alguém com laços familiares com a vítima, apesar de ocorrer principalmente nas próprias residências, pode estender-se aos espaços públicos (MOREIRA & SOUSA, 2012). Na violência extrafamiliar, os agressores, apesar de não possuírem laços sanguíneos, podem ser conhecidos ou desconhecidos e quanto ao seu local de ocorrência é característico de espaços públicos (PAIXÃO D. X. D. & PAIXÃO, A. J. X. D., 2020).

Sobre a natureza dessas violências, destacam-se a de caráter físico, psicológico e sexual. A violência física é subentendida como toda ação não acidental que ponha em risco a integridade física do outrem. Na sexual, envolve-se a tentativa ou realização de atos libidinosos, que incluem desde o constrangimento e obrigação da vítima a se expor, assistir à atos de terceiros até o abuso sexual. Já a violência psicológica é representada por atos que tragam comprometimento do desenvolvimento psíquico. (BRASIL, 2018).

Ainda assim, cabe ressaltar que a exposição a todo e qualquer tipo de violência resultam em consequências, principalmente, comportamentais e também para a saúde pública e economia. As vítimas, além das lesões físicas e o risco de morte podem sofrer consequências que perduram até a fase adulta. Para o âmbito de saúde pública e econômico, as consequências das violências resultam dos prejuízos a saúde da vítima, na qual a violência sexual é uma das categorias que mais contribui, pois essa é um fator de risco para doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e de risco, aborto e entre outros problemas reprodutivos. (OMS, 2015).

Frente ao exposto, este estudo tem como objetivo descrever algumas das principais características das violências: sexual, psicológica e física contra a criança e ao adolescente notificadas no Brasil, nos anos de 2009 a 2019, este estudo objetiva descrever as principais características de violência contra a criança e adolescente notificadas no Brasil. E, nesse viés, contribuir para o diagnóstico e intervenção de violências pelas equipes de saúde.

## 2 | METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter quantitativo, descritivo, mediado por banco de dados secundários. Os dados foram coletados na base de domínio público do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), utilizando a estratégia de busca a partir da aba de “epidemiológicas e morbidades”, com ênfase em “Doenças e Agravos de Notificação - 2007 em diante (SINAN)” e em “violência interpessoal/autoprovocada” - Brasil por Região, UF e Município. Foi aplicado as variáveis: violência sexual, violência física, violência psico/moral, sexo (masculino e feminino), faixa etária (<1 ano, 01-04, 05-09, 10-14 e 14-19 anos), local de ocorrência, agressores (pai, mãe, amigos/conhecidos, desconhecidos, padrasto, outros vínculos, própria pessoa, cônjuge, namorado), região de notificação (Região Sul, Região Sudeste, Região Norte, Região Nordeste e Região Centro-Oeste), raça, com um recorte temporal de 10 anos (2009 a 2019), período disponibilizado no site com exceção do ano de 2017 que não consta com nenhum registro de violência na idade estudada. A coleta dos dados ocorreu nos meses de abril e maio de 2021.

Conforme a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, que dispõe sobre a ética nas pesquisas das ciências humanas, as informações disponíveis em documentos/sites de acesso público podem ser utilizadas sem limitações relacionadas à privacidade, segurança e controle ao acesso. Com isso, não há barreiras para realizarmos o estudo presente, mantendo a responsabilização da análise fiel aos dados encontrados. (BRASIL, 2016).

## 3 | RESULTADOS

No Brasil, durante o período de 2009 a 2019, no Datasus, 815.266 crianças e adolescentes, entre as idades de menores de um ano a 19 anos, denunciaram ao menos um tipo de violência interpessoal/autoprovocada sofrida. Destas notificações, 385.663 sofreram violência de natureza física, 199.603 sexual e 156.330 psicológica, sendo assim, é válido ressaltar que uma única vítima pode ter sofrido mais de uma destas violências ou outras não abordadas no estudo ao mesmo tempo.

Durante os anos de 2009 a 2019, a cada ano foram registrados aumento em todas as violências abordadas e em todas as regiões e idades. Ao analisar as regiões no ano de 2019, a Região com mais notificações foi a Sudeste (com 10 vítimas a cada mil crianças ou adolescentes), seguidas pela Região Nordeste (quatro a cada mil), Norte e Centro-oeste (duas a cada mil) e Região Sul (uma a cada mil).

No Gráfico 1, percebe-se que em todas as faixas etárias, o percentual de notificações do sexo feminino (62%) é superior à do sexo masculino (38%). Quando considerado apenas as três violências abordadas, a maior diferença encontra-se na violência sexual entre as faixas etárias de 10 a 14 anos, com 91% das notificações, e entre 15 a 19 anos com 94% das notificações para este sexo. Mas, no que se refere a violência física, na faixa de cinco

a nove anos, é a única que apresenta uma porcentagem maior para o sexo masculino com 53%, seguidos de 47% para o sexo feminino.

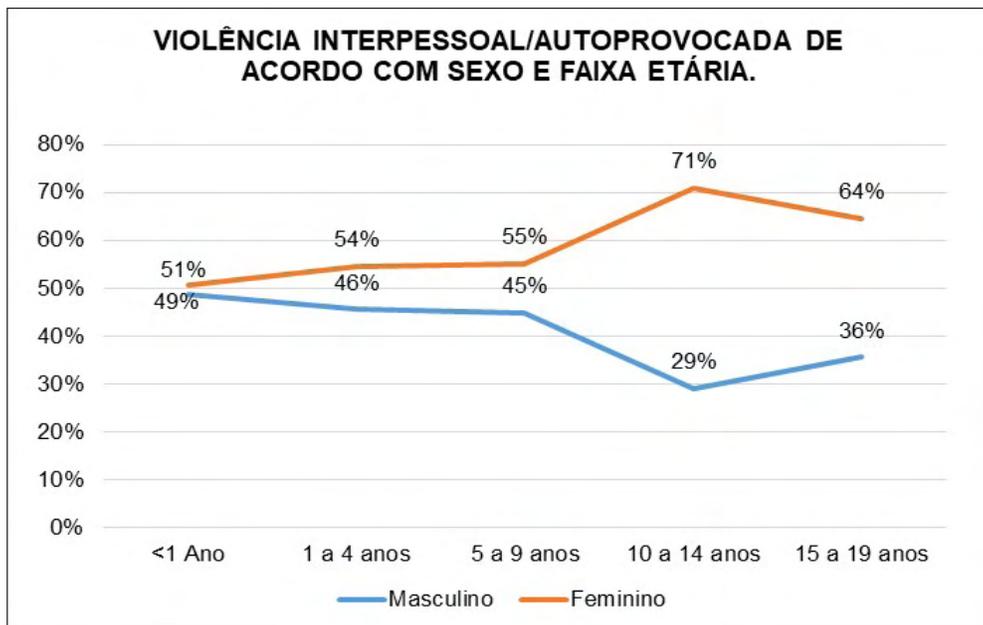


Gráfico 1 – Percentual, por sexo e faixa etária, de vítimas de violência interpessoal/autoprovocada, Brasil, 2009 a 2019.

Fonte: autores, 2021.

No Gráfico 2, percebe-se que a faixa etária com mais registros de violências, está a de 15 a 19 anos com 41% das notificações, seguidas por 10 a 14 anos com 29%, cinco a nove anos com 16%, um a quatro anos com 10% e menores de um ano com 3% dessas notificações.

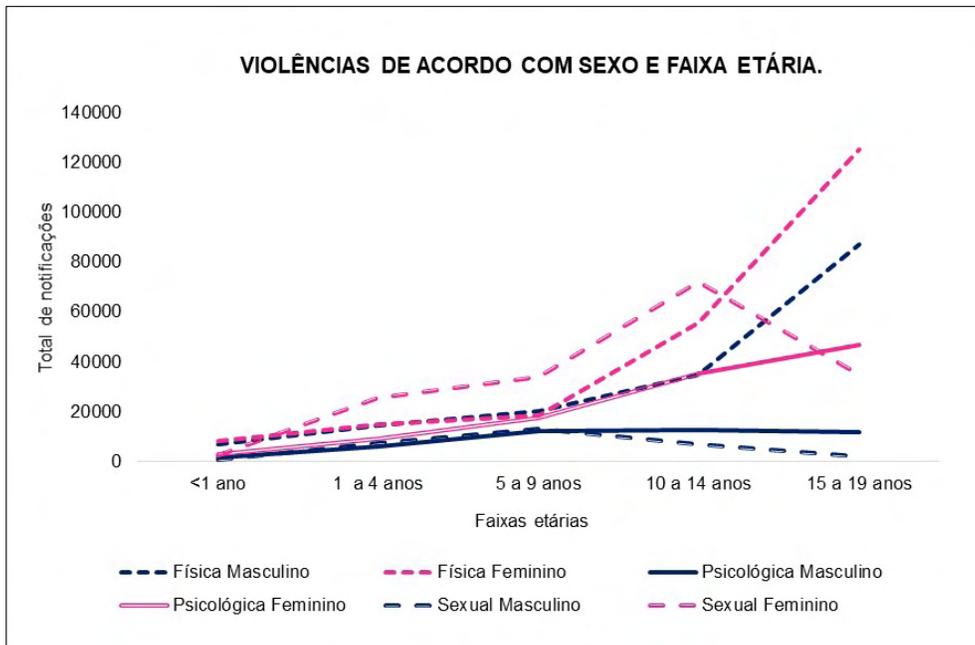


Gráfico 2 – Violência física, psicológica e sexual, estratificadas por sexo e faixa etária, Brasil, 2009 a 2019.

Fonte: autores, 2021.

Na faixa etária de menores de um ano a 19 anos, 58% dos registros de violências aconteceram na residência, 14% em via pública e 4% na escola. O percentual aumenta para 67% na residência quando consideramos apenas a faixa etária de um a nove anos e para 23% em via pública na faixa etária de 15 a 19 anos. Em 21% das notificações, o local foi considerado como outro, ignorado ou branco.

Ao analisar a via pública, considerando apenas a violência física, esse local representa 22% das notificações, na qual os adolescentes da faixa etária de 15-19 anos é a principal vítima (71%); na violência psicológica, a via pública passa a ser 13% dos registros, também com predomínio da faixa etária de 15 a 19 anos (68%). Considerando a violência sexual, 9% das notificações ocorrem nesse local sendo 38% na faixa etária de 10 a 14 anos e 49% entre a faixa de 15 a 19 anos.

A escola, foi local de ocorrência de 5% das notificações na violência física, com 48% dessas ocorridas na faixa etária de 10 a 14 anos; na violência sexual são 3%, com 35% das notificações da faixa etária de um a quatro anos (35%) e 35% entre cinco a nove anos. Na violência psicológica, a escola representou 5% das notificações, com 46% na faixa de 10 a 14 anos e 27% para a faixa etária 15 a 19 anos.

Quanto a raça das vítimas de violência sexual, física e psicológica, 41% se autodeclararam como pardos, 37% como brancos e 9% representa as raças amarela,

indígena ou negra. 12% das notificações tiveram a raça como ignorado/branco.

Na violência física e psicológica, entre as faixas etárias de menores de um ano até nove anos, 55% das notificações apresentam como agressores os pais. Já nas faixas etárias de 10 a 19 anos, na violência física, os pais representam 24% dos agressores e na psicológica 13%. Em ambas as violências, os principais agressores da faixa etária de 10 a 19 anos são de origem extrafamiliar, como amigos/conhecidos (21%), desconhecidos (15%) ou a própria pessoa (13%). Ainda na faixa etária de 15 a 19 anos, há predominância dos agressores sendo os parceiros íntimos (cônjuge e/ou namorado) representando 12% das notificações.

Já no que se refere a violência sexual, há uma diminuição significativa na figura materna entre todas as faixas etárias, principalmente entre menores de um ano a nove anos na qual representam apenas 3%, destacando na categoria de pais apenas a figura paterna com 15% nas notificações ocorridas. Ainda nessa faixa etária, pode-se destacar que 25% dos agressores não tiveram vínculo identificado, sendo relatado como outros vínculos, 24% como amigos/conhecidos e 11% como padrasto. Nas faixas etárias de 10 a 14 anos, predomina-se amigos/conhecidos com 30% das notificações, parceiros íntimos com 18%, pessoas relatadas como outros vínculos com 13% e desconhecidos com 13%. Entre a faixa de 15 a 19 anos os principais agressores apresentam-se como desconhecidos (37%) e amigos/conhecidos (23%).

Quanto às formas de violência sexual praticadas, ocorreram 216.306 notificações que especificaram os tipos de violência sexual sofrida pelas crianças e adolescentes de menores de um ano a 19 anos, as mais relatadas foram o estupro (64%), seguido pelo assédio sexual (24%).

Quanto a faixa etária com mais registros de violências, está a de 15 a 19 anos com 41% das notificações, seguidas por 10 a 14 anos com 29%, cinco a nove anos com 16%, um a quatro anos com 10% e menores de um ano com 3% dessas notificações.

## 4 | DISCUSSÃO

As violências físicas e sexuais são as mais notificadas em relação a psicológica, pois são de mais fácil de identificação devido, muitas vezes, deixarem marcas no corpo. Já a violência psicológica é menos notificada pois muitas vezes depende apenas do relato da criança ou adolescente, o qual pode ter medo de denunciar, para ser identificada. (VIANA, et al, 2020).

A região com mais notificações de crianças e adolescentes por violências, foi a Região Sudeste para o ano de 2019. Tal característica já foi abordada na literatura de Paungartner, et al (2020), na qual essa região também foi a que constou com mais notificações para violências contra crianças e adolescentes.

Os dados mostram que o sexo feminino é o mais predominante em todas as

violências de caráter interpessoal/autoprovocada. No que se refere a violência sexual, as vítimas do sexo feminino são ainda mais acometidas.

Relativo a isso, Sena, Silva e Neto (2018) definem essa incidência do sexo feminino na maioria das violências como uma evidencia das questões de gênero em pauta, a qual põe em questão a fragilidade feminina e, como consequência, resultam na maior suscetibilidade desse público a situações de violência, principalmente quando na faixa etária da infância e adolescência e no que se refere a violência sexual. Outro fato que pode estar relacionado a essa incidência do sexo feminino é a questão de subnotificação por parte do sexo masculino, pois pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizadas em 2019 apontam que as mulheres brasileiras têm mais hábito de procurar a saúde e consultas médicas que o sexo masculino. (IBGE, 2020).

No que se refere as raças mais afetadas pelas violências, estudos realizados em diferentes regiões geográficas do Brasil corroboram com os achados, apesar de alguns mostrarem diferença mais significativa entre as raças pardas e brancas.

Em Manaus, nas violências denunciadas contra crianças e adolescentes constatou que 70,2% das vítimas eram de raça parda e 12,4% branca (OLIVEIRA, N. F. D. *et al.*, 2020). No estado de Minas Gerais, 46,41% das vítimas eram de cor parda, seguidos pela cor branca (32,69%) (FERNANDES *et al.*, 2021). No Ceará, a raça parda foi a mais notificada (62,5%), já nos anos de 2010 a 2012, o percentual observado foi igual entre branca e parda (ALVES *et al.*, 2017).

Essa característica predominante nos estudos pode estar relacionada a distribuição das raças no território brasileiro. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, 46,8% da população brasileira de autodeclaram pardas e 42,7% como brancos. (IBGE, 2021).

Quanto menor a faixa etária é menor os registros de notificações, sendo assim as vítimas menores de um ano até nove anos são as que menos constam com notificações. Isso pode estar relacionado com as características do local de ocorrência e agressores que são, na maioria, do contexto familiar e podem levar a uma subnotificação. Essa característica pode interferir nas questões de denúncia, pois os agressores podem estar sendo protegidos por outro familiar, há uma falta de voz/autoridade das crianças e, também, são agravadas pelo público e conduta inadequada dos profissionais.

Scheck *et al.* (2018), em seu estudo realizado com diferentes profissionais que tem contato com crianças e adolescentes acometidas por violências intrafamiliares, ressalta que as ações de muitos profissionais da área da saúde têm como objetivo apenas a cura das lesões físicas ou aparentes, deixando de lado a prevenção, intervenção e as notificações obrigatórias da suspeita ou confirmação de violências. Outros profissionais também destacaram que a falta de aproximação com os agressores faz com que após o atendimento da vítima a mesma volte a conviver com o agressor.

Os dados referentes ao local de residência, agressores de caráter familiar (pais e

padrastos) e conhecidos trazem uma ideia antônima a característica que é dada ao lar como um dos locais mais seguros às crianças e adolescentes.

Os agressores, na maioria das vezes, quando não se apresentam como alguém da família são conhecidos, pessoas que mantém vínculo e confiança, sendo assim, a própria residência é um lugar propício para a violência, pois o agressor se sente seguro e tem acesso livre. (BARBOSA *et al.*, 2013).

Na violência física e psicológica, as crianças (menores de um ano a nove anos) tiveram como seus principais agressores, os pais e como característica única da violência física, houve uma menor diferença entre os sexos. Já na violência sexual, nas idades de menores de um ano a nove anos, há uma característica de agressores do sexo masculino, como pais e padrastos, na origem intrafamiliar, e de amigos/conhecidos.

Tanto essa predominância dos pais como agressores das violências físicas e psicológicas, como também as diminuições entre os sexos, na violência física, podem estar relacionadas a ideia da conduta (violência) como uma forma de educação. Bontempo (2020), acredita que as agressões pelos pais, que se apresentam com a explicação de uma forma de “educação”, teria relação com o método de educação que os agressores tiveram quando na sua infância e/ou adolescência, dessa forma, também seria um meio de disseminar agressores futuros.

Na violência sexual, a presença dos agressores sendo na maioria do sexo masculino já foi relatada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014). Neste estudo de análise nacional sobre estupro, apresentou-se que mais de 90% dos agressores, seja contra crianças ou adolescentes, eram do sexo masculino. A pesquisa ainda relatou que 24,1% dos agressores das crianças são os próprios pais ou padrastos e que 32,2% são amigos ou conhecidos da vítima, sendo que o indivíduo desconhecido passa a configurar como agressor conforme as faixas etárias aumentam. (CERQUEIRA & COELHO, 2014).

Nos períodos da adolescência, além dos agressores predominantes nas outras idades (pais e amigos/conhecidos), há maior espaço para os agressores como parceiros íntimos e desconhecidos. Quando considerado as violências físicas e psicológicas, há presença do agressor como própria pessoa.

Nas faixas etárias de 10 anos a 19 anos, apresenta-se um enfoque maior das violências sendo praticadas no ambiente público e de agressores extrafamiliares, como amigos/conhecidos, desconhecidos e parceiros íntimos, o que pode estar relacionado a fase característica da adolescência. Em outro estudo, no que se relacionou aos adolescentes, os amigos/conhecidos também estavam entre os principais autores das violências, seguindo na mesma direção dos achados do presente estudo. (MALTA *et al.*, 2017).

Em um estudo realizado com adolescentes entre 11 a 19 anos, as autoras Brancaglioni e Fonseca (2016) revelaram que as violências físicas, sexuais e psicológicas são frequentemente praticadas por parceiros íntimos, sem diferença de classes sociais, sendo as adolescentes de sexo feminino as maiores vítimas. Dessa forma, é perceptível que

as desigualdades de gênero são colocadas em pauta, a qual traz a ideia de subordinação das mulheres em relação ao parceiro.

O agressor caracterizado como própria pessoa, está relacionado às violências autoprovocadas. Os comportamentos presentes nessa forma de violência, podem estar associados a ideias suicidas e os meios de agressões vão desde autolesões leves (arranhões, cortes) até as mais graves (amputação de membros). (ABREU et al, 2018). No estudo de Bahia, et al (2020) evidenciou-se que os adolescentes brasileiros de 10 a 19 anos, entre 2011 a 2014, contabilizaram cerca de 23,6% das notificações de lesões autoprovocadas.

A violência nos espaços públicos pode ser dada de diferentes formas e natureza. É mais recorrente em adolescentes do que em por ser uma fase de transição.

Essas violências, que são mais agravadas na adolescência, se dão pela característica dessa fase, pelas diferentes vivências que propiciam o autoconhecimento em relação ao seu eu social. Ainda assim, a autora destaca que a suscetibilidade para o desenvolvimento de comportamentos violentos tem origem, principalmente, acerca do preconceito e desigualdades sociais presentes no cenário. (SOUZA, 2017).

A faixa etária de 10 a 14 anos, ao considerar apenas a violência sexual, é a mais afetada principalmente quando se refere ao sexo feminino. Essa violência é caracterizada pelo abuso sexual em forma de estupro. Em um estudo nacional, essa característica das principais vítimas serem dessa faixa etária também foi apresentada, sendo a porcentagem dos adolescentes de 10 a 14 anos maiores que nas idades de 15 a 19 anos. (OLIVEIRA, M. A. D. & MIRANDA, 2020).

Essa característica pode estar relacionada a Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, principalmente quando se refere ao abuso sexual em forma de estupro, pois é ressaltado que o estupro praticado contra crianças e adolescentes menores de 14 anos nunca será consentido. E, a partir dessa idade, o agressor pode alegar o consentimento da vítima. (BRASIL, 1940).

No estudo de Santos, et al (2018) a principal forma de violência sexual, também é o abuso sexual como estupro. O autor define essa predominância como consequência dessa forma ser de mais fácil reconhecimento em relação às demais formas de abuso, tanto pela vítima como pela sociedade.

Ainda assim, é válido destacar que o abuso sexual pode trazer consequências importantes ao desenvolvimento da vida da criança e do adolescente. Apesar de ser subjetivo o comportamento que esses apresentarão, há um destaque de consequências psicológicas e físicas, como depressão, ansiedade e comportamentos sexuais indesejados, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e aborto, sendo válido destacar que essas consequências podem ser apresentadas em qualquer fase do ciclo de vida da vítima. (AMAZARRAY & KOLLER, 1998).

No que se refere à escola, nas violências físicas e psicológicas, as principais vítimas

das violências praticadas nesse local são aqueles da faixa etária de 10 a 14 anos. Já na violência sexual são as crianças de um ano até nove anos. Estudos e literaturas nacionais também apresentam a característica do público de 10 a 14 anos como as principais vítimas nesse local de ocorrência. (OLIVEIRA, W. A. D. *et al.*, 2016; MALTA *et al.*, 2017).

Quanto ao aumento anual das violências notificadas, o relatório do Disque Denúncias registrou aumento de 14% das denúncias/notificações de violências e outras violações de direitos contra a criança e ao adolescente entre os anos de 2018 a 2019. Esse aumento é justificado como consequência da melhoria e aprimoramento dos serviços que vem sendo ofertados. (BRASIL, 2020b).

Apesar das estatísticas apresentarem um aumento anual nas notificações de violências, nos estudos já realizados durante o período de pandemia do novo coronavírus, que teve início na China em dezembro de 2019 e perdura até os dias atuais do estudo, evidenciou uma diminuição das notificações relacionadas ao ano anterior. Em julho de 2020, o Dique Direitos Humanos registrou redução de 18% das denúncias comparadas ao período anterior (BRASIL, 2020a). No Rio Grande do Sul, em um estudo sobre as violências infanto-juvenis, destaca-se que no tempo de isolamento social de abril/2019 a abril/2020, as denúncias reduziram em 65%. (LEVANDOWSKI *et al.*, 2021).

Essa diminuição de notificações, também pode estar relacionada com a mudança da rotina das escolas que passaram a ter aulas online nesse período pandêmico. Em um estudo realizado com educadoras, as mesmas relatam que já identificaram em seus alunos marcas de violências de caráter físico, psicológico e por negligência. Apesar de indícios de violência sexual não serem apresentadas nesse estudo, os autores acreditam que seja devido à falta de conhecimento dessas profissionais. (CORDEIRO *et al.*, 2020).

Platta, Guederta e Coelho (2021) ressaltam que essa diminuição não significa a redução das violações e violências, mas demonstram as dificuldades perante a denúncia nesse momento de isolamento social, pois as vítimas dividem o mesmo lugar por mais tempo com seus principais agressores, que são aqueles de caráter intrafamiliar e que convivem no mesmo lar, assim como os sentimentos de estresse e insegurança que prevalecem no ambiente contribuem para o aumento das violências.

## 5 | CONCLUSÃO

A violência trata-se de um fenômeno complexo ligado a múltiplos fatores que acometem grupos distintos da sociedade. A população de crianças e adolescentes merecem destaque, uma vez que estão vulneráveis a situações de violência. Já que os agressores de caráter intrafamiliar (pais e padrastos) e conhecidos são os mais predominantes na infância, sendo a medida em que as vítimas amadurecem surgem maior predomínio de agressores externos (amigos, desconhecidos e parceiros íntimos).

O principal local de ocorrência das violências notificadas, apresentam-se como a

própria residência da vítima e o sexo mais fragilizado é o feminino, colocando, assim, a questão de desigualdade de gênero associada as fases iniciais do ser humano e o lar como um local inseguro. No que se refere ao aumento de notificações, há uma incógnita presente, não se pode afirmar que os casos de violência estão de fato aumentando ou há uma melhora nos meios de notificação.

Assim, a partir dos achados, constata-se que ainda existem lacunas no amparo a proteção à criança e ao adolescente. Faz-se necessário que as instituições, ambientes de saúde, de ensino e a sociedade aprimorem seus conhecimentos sobre as violências, para que realizem o diagnóstico e intervenção destas.

Ademais, convém frisar que, como há um predomínio de violências ocorridas no contexto familiar é importante a promoção de palestras, debates e de ilustrações de formas de violências, no contexto escolar, para as crianças e adolescentes. Pois muitos vivem em um cenário violento e são impossibilitados de denunciar ou identificar essas atitudes ilegais, porque estão habituados a essa rotina.

Destaca-se como limitações deste estudo a não identificação dos dados do ano de 2017 nessa faixa etária abordada, é de suma relevância que os sistemas de notificações sejam fortalecidos pois servem de bases para estudos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de políticas públicas e sociais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, P. D. de, et al. Análise espacial da violência autoprovoçada em adolescentes: subsídio para enfrentamento. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde** [Online], v. 7, n.3, p. 76-78, Brasil, 2018. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/2991/pdf> Acesso em: 20 mai. 2021.

ALVES, J. M. et al. Notificação da violência contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, [Online], v. 19, n. 1, p. 26-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/26596/pdf>. Acesso em: 16 mai. 2021.

AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [Online], v. 11, n.3, p. 559-578, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/fj/prc/a/vqMD49xDgznQhq6DKjGs4xd/?lang=pt>. Acesso em: 27 mai. 2021.

BAHIA, C. A. et al. Notificações e internações por lesão autoprovoçada em adolescentes no Brasil, 2007-2016. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online], v. 29, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200006>. Acesso em: 21 mai.2021.

BARBOSA, L. V., et al. Caracterização da violência sexual em criança no município de Aracaju/SE. **Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente** [Online], v. 1, n. 2, p. 09–20, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/saude/article/view/357>. Acesso em: 18 mai. 2021.

BONTEMPO, N. M. **Violência intrafamiliar**: práticas parentais baseadas na força física e psicológica para educar crianças e adolescentes. 2020. Monografia (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14719>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

BRANCAGLIONI, B. DE C. A.; FONSECA, R. M. G. S. DA. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [Online] v. 69, n. 5, p. 946–955, out. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html)>. Acesso em: 03 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal. Rio de Janeiro**: Diário Oficial da União, 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm)> Acesso em: 25 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/8069.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8069.html)>. Acesso em: 03 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Covid-19: Cai número de denúncias de violações contra crianças e adolescentes no Disque 100. **Gov.br**, 2020b. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/julho/covid-19-cai-numero-de-denuncias-de-violacoes-contra-criancas-e-adolescentes-no-disque-100>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disque Direitos Humanos. **Relatório 2019**. Brasília: Equipe da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH), 2019. p. 154, 2020a. Disponível em: <[https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019\\_disque-100.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019_disque-100.pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 24 mai. 2016. Disponível em: <[https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581)>. Acesso em: 01 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos Humanos. **Violência contra crianças e adolescentes**: análise de cenários e propostas de políticas públicas. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas-2.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2021.

CERQUEIRA, D.; COELHO, D. de S. C. **Estupro no Brasil**: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar). Brasília, 2014. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21842](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21842)>. Acesso em: 20 mai. 2021.

CORDEIRO, K. C. C. et al. Expressões da violência doméstica contra adolescentes: discursos de educadoras. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [Online] v. 73, n. 20180656, p. 1 – 7, Brasília, 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672020000300174&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672020000300174&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 02 jun. 2021.

FERNANDES, G. C. et al. Violência contra crianças e adolescentes moradores de zona rural no estado de Minas Gerais. **Revista de Atenção à Saúde - RAS**, [Online], v. 18, n. 66, p. 102-114, São Caetano do Sul, SP, jan. 2021. Disponível em: <[https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_ciencias\\_saude/article/view/6738/3269](https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/6738/3269)>. Acesso em: 14 mai. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conheça o Brasil - População - COR E RAÇA. **Site do IBGE**, 2021. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde: 2019**. Informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde. Brasil, grandes regiões e unidades da federação / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

LEVANDOWSKI, M. L. et al. Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno de Saúde Pública** [Online], v. 37, n. 1, p. 14-21, Rio de Janeiro, RJ, jan. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/w9xDc35gk53mDz9MrX4nFfr/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 jun.2021.

MALTA, D. C. et al. Violências contra adolescentes nas capitais brasileiras, segundo inquérito em serviços de urgência. **Ciênc. saúde colet.** [Online] v. 22, n. 9, p. 2899-2908, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/Wgk3zzkhyGVnp734gP7LQV/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

MOREIRA, M. I. C.; SOUSA, S. M. G. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. **O Social em Questão**[Online] n. 28, p. 13 - 26, 2012. Disponível em: <<http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/2artigo.pdf>>. Acesso em: 10 mai.2021.

OLIVEIRA, N. F. D. et al. Violência contra crianças e adolescentes em Manaus, Amazonas: estudo descritivo dos casos e análise da completude das fichas de notificação, 2009-2016. **Epidemiol. Serv. Saúde** [Online], v. 1, n. 29, p. 1-20, Brasília, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/ress/2020.v29n1/e2018438/#>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

OLIVEIRA, M. L. D.; MIRANDA, C. E. S. Caracterização das notificações de violência doméstica contra adolescentes. **Revista Interdisciplinar UNINOVAFAPI** [Online], v. 13, n.2020, p. 1-8, Maranhão, 2020. Disponível em: <<https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1683>>. Acesso em: 23 mai.2021.

OLIVEIRA, W. A. D. et al. Associações entre a prática de bullying e variáveis individuais e de contexto na perspectiva dos agressores. **Jornal de Pediatria** [Online], v. 92, n. 1, p. 32-39, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jped/a/wbjvcttSCjHD5rMzc3s6ZVm/?lang=pt>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014**. Núcleo de Estudos da Violência (Trad.). São Paulo, 2015. p. 288. Disponível em: <<https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>>. Acesso em: 11 mai.2021.

PAIXÃO, D. X. D.; PAIXÃO, A. J. X. D. Educação para a não-violência: A resposta que não pode tardar. In: PASINI, C. G. D. A não violência e a educação da América Latina. **Projeto Cultural Labirintos** [Online] v. 2, p. 63-75, Santa Maria, RS, 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/laboratorioimagensjustica/files/2020/08/E-book-N%C3%83O-VIOL%C3%8ANCIA-E-A-EDUCA%C3%87%C3%83O-NA-AM%C3%89RICA-LATINA-Vol.2.pdf>>. Acesso em: 10 mai.2021.

PAUNGAUTNER, L. M., et al. Análise epidemiológica das notificações de violência contra crianças e adolescentes no Brasil de 2009 a 2017. **Revista Eletrônica Acervo Saúde** [Online], v. 12, n. 9, p.1-1, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e4241.2020>>. Acesso em: 02 jun.2021.

PLATTA, V. B.; GUEDERTA, J. M.; COELHO, E. B. S. Violência contra crianças e adolescentes: notificações e alerta em tempos de pandemia. **Revista Paulista de Pediatria** [Online], n. 23. São Paulo, 2021. Disponível em : <<https://www.scielo.br/rpp/a/Ghh9Sq55dJsr6tsJsHCfTG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 02 jun.2021.

SANTOS, M. de J. et al. Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola - Brasil, 2010-2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online]. 2018, v. 27, n. 2, p 1-10, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000200010>>. Acesso em: 16 mai, 2021.

SARAIVA, R. J. et al. Qualificação do enfermeiro no cuidado a vítimas. **Ciencia y enfermería**, v. XVIII, n. 1, p. 17-27, Rio de Janeiro, out. 2012. Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v18n1/art\\_03.pdf](https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v18n1/art_03.pdf)>. Acesso em: 08 mai.2021.

SCHEK, G. et al. Práticas profissionais que silenciam a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online], v. 27, n. 1, p 01-08, 2018. em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072018000100311&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072018000100311&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 16 mai.2021.

SENA, C. A. D.; SILVA, M. A. D.; NETO, G. H. F. Incidência de violência sexual em crianças e adolescentes em Recife/Pernambuco no biênio 2012- 2013. **Ciência e saúde coletiva** [Online] v. 5, n. 23, p. 1591-1599, Rio de Janeiro, mai. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/fj/csc/a/V3McwYHPwbwjFctLTQFN6GJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 mai.2021.

SOUZA, M. A. DE. **Adolescência(s) em conflito com a lei e a justiça juvenil: (des)continuidades na aplicação das medidas socioeducativas**. 2017. Dissertação (Pós Graduação em Políticas Públicas) - Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em:<<http://tede.bc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/1316> >. Acesso em: 21.mai.2021.

VIANA, L. de S, et al; EXPRESSÕES DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL: ANÁLISE DAS DENÚNCIAS DO DISQUE 100. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, n. 1, fev. 2020. Disponível em: <[https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq\\_trabalhos/18627/seeer\\_18627.pdf](https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/18627/seeer_18627.pdf)>. Acesso em: 11 mai.2021.

WHO, WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on preventing violence against children 2020 charts countries**. [Online], p. 332. 2020. Disponível em:<<https://www.who.int/publications/i/item/9789240004191>>.Acesso em: 05 mai.2021.

\_\_\_\_\_. **Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All**. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986. Disponível em:<<https://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>>. Acesso em: 04 mai.2021.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aedes aegypti 102, 103

Alimentação saudável 28, 29, 32, 36, 42

Atenção básica 25, 36, 37, 39, 42, 44, 45, 49, 57, 80

Atenção primária à saúde 24, 26, 36, 51, 53, 55, 58, 59, 101, 111, 112

### C

Cuidado à saúde 37, 39

### D

Doenças parasitárias intestinais 19

### E

Educação e saúde 10, 88, 99, 100, 127, 141

Ensino médio 27, 29, 47

Ensino-serviço 37, 38, 39, 41, 65, 93, 96, 99

Escola 10, 19, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 36, 44, 45, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 61, 80, 90, 98, 99, 100, 120, 124, 129, 130

Estágio curricular 42, 44

Estudantes 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 27, 29, 32, 33, 38, 39, 44, 45, 56, 62, 94

### H

Helmintíases 25, 51, 52, 53, 54, 55, 56

### I

Interdisciplinaridade 6, 89, 91, 94, 95, 99

### M

Mortalidade 64, 109, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

### O

Óbitos 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

### P

Pandemia 4, 8, 13, 14, 16, 17, 18, 45, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 70, 78, 105, 106, 108, 109, 112, 125, 129

Parasitoses 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 51, 55, 56

Plástico reciclado 102, 103

Prevenção 1, 6, 7, 19, 21, 24, 25, 28, 30, 32, 35, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 64, 100, 105,

106, 110, 112, 113, 122, 128, 131, 133, 135, 136, 139

## **R**

Residência multiprofissional 39, 40, 45, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 101

## **S**

Saúde ambiental 2, 3

Saúde coletiva 36, 41, 58, 61, 62, 64, 73, 78, 88, 89, 92, 95, 98, 99, 129, 139, 140, 141

Saúde pública 1, 3, 5, 6, 8, 14, 24, 25, 36, 40, 51, 53, 55, 58, 62, 63, 64, 78, 90, 98, 99, 101, 105, 112, 117, 128, 130, 131, 133, 141

Saúde única 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8

Suicídio 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

## **V**

Vigilância sanitária 10, 11, 12, 35, 63

Violência 100, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Violência contra a mulher 105, 110

Violência de gênero 105, 106

Violência física 107, 117, 118, 120, 121, 123

Violência obstétrica 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Violência psicológica 117, 120, 121

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

  
Ano 2021

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# SAÚDE COLETIVA:

Face a face com a interdisciplinaridade

  
Ano 2021